



Ministério da Saúde não pretende adotar, pelo menos por enquanto, a chamada revacinação contra a covid-19, que vem sendo anunciada por alguns estados e municípios. Para Marcelo Queiroga, discussão sobre o tema é precipitada e gera insegurança

Aplicação da 3ª dose divide especialistas

» MARIA EDUARDA CARDIM
» GABRIELA BERNARDES*

Apesar de alguns estados e cidades do Brasil terem anunciado a adoção da terceira dose, a chamada revacinação contra a covid-19 não está nos planos do Ministério da Saúde. Isso porque, segundo a pasta, até o momento não há evidência científica que confirme a necessidade de aplicações adicionais e, por isso, o ministro Marcelo Queiroga considera que a discussão neste momento causa insegurança na população. Especialistas tendem a concordar com o ministro, sobretudo porque apenas 21,9% da população com mais de 18 anos estão com o esquema vacinal completo — duas doses ou, se for o caso da vacina da Janssen, uma única aplicação.

“Se a gente tivesse toda a população vacinada, acho que teríamos abertura para o debate se vamos usar uma dose de reforço, se o modelo de vacinação da covid-19 vai seguir o modelo da influenza. Mas estamos com cerca de 34 milhões de pessoas com as duas doses e tudo que a gente tem são ofertas de vacinas que chegarão. Abrir essa discussão é um efeito dessa pandemia, quando ficou tudo fragmentado e se tomam decisões em busca de holofotes”, criticou o infectologista e presidente da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal, David Urbaz.

Ele concorda quando Queiroga diz que a discussão sobre a necessidade de uma dose de reforço “leva mais insegurança à população”. “Lógico que causa ansiedade nas pessoas. As pessoas já duvidam da vacina, duvidam da ciência e duvidam até que a gente esteja realmente em pandemia”, ressaltou.

César Carranza, médico infectologista do Hospital Anchieta de Brasília, também acredita que não é o momento de colocar a dose de reforço na programação dos estados e municípios. “Até porque não se passaram seis me-

ses da imunização das primeiras pessoas vacinadas no Brasil, que é o tempo que os próprios fabricantes têm colocado como espaço de tempo para se cogitar uma revacinação”, lembrou.

Urbaz reforça que, ao indicar data e incluir no calendário de vacinação uma dose de reforço, os gestores estão contando com algo que não têm, já que nem todas as vacinas compradas pelo governo federal chegaram ao país. “Os ovos nem foram chocados e você vai contar com os pintinhos. Nem chegou toda a vacina no país”, lembrou Urbaz.

Segundo o Ministério da Saúde, o governo federal já comprou mais de 600 milhões de doses de vacinas contra a covid-19, mas apenas 164 milhões estão sendo distribuídas às unidades da Federação.

Evolução natural

Os especialistas ressaltam que a possibilidade de se aplicar a dose de reforço contra a covid-19 é levada em consideração na área acadêmica e entre pesquisadores. “Isso sempre vai acontecer. É uma evolução natural da discussão de como você vai usar a ferramenta”, salientou Urbaz.

Por causa disso, os fabricantes das vacinas buscam realizar estudos para avaliar eficácia e segurança de uma terceira dose, o que levou a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a aprovar um estudo para avaliar tal necessidade em relação ao fármaco da AstraZeneca/Oxford. A autarquia também já tinha autorizado um estudo pela Pfizer.

A possibilidade de reaplicação da vacina está sendo avaliada por vários países, mas a maioria ainda estuda tal necessidade. A Turquia foi o primeiro país com grande população a oferecer o reforço, no início deste mês — mas apenas para profissionais de saúde e pessoas com mais de 50 anos que receberam doses da Pfizer ou da CoronaVac.



CORONA VIRUS

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Brasil ainda tem uma baixa cobertura vacinal contra a covid-19. Além disso, não há estudos sobre se a terceira dose aumenta a imunização



Se a gente tivesse toda a população vacinada, acho que teríamos abertura para o debate se vamos usar uma dose de reforço. Mas estamos com cerca de 34 milhões de pessoas com as duas doses e tudo que a gente tem são ofertas de vacinas que chegarão

David Urbaz, infectologista e presidente da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal

Reforço na fronteira contra Delta

O governo federal acendeu a luz de alerta para o avanço da variante Delta do novo coronavírus. Por conta disso, para tentar frear o avanço pelo território nacional, está remetendo vacinas extras para estados que fazem fronteira com outros países — Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Rondônia já receberam doses. Mas, longe das regiões limítrofes do país, capitais registram a presença da cepa indiana: a cidade de São Paulo detectou ao menos oito casos e a prefeitura diz já haver transmissão comunitária da variante.

O Ministério da Saúde reporta 122 casos em todo o país, mas o balanço está defasado, pois considera só um afetado da capital paulista. Especialistas acreditam que a infecção pela Delta seja

maior por conta das falhas no monitoramento.

Nesta semana, Acre, Amapá, Amazonas, Roraima, Pará e Santa Catarina recebem lotes para imunização das fronteiras. Em visita, a Foz do Iguaçu, que conecta Brasil, Paraguai e Argentina, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, disse que o objetivo é criar um “cordão epidemiológico”. Segundo o governo, o grupo já imunizou nessa estratégia envolve meio milhão de pessoas.

No início deste mês, Mato Grosso do Sul recebeu uma remessa de 207 mil doses da vacina da Janssen, de dose única, para reforçar a proteção de 79 cidades fronteiriças. Em 13 delas, está sendo conduzido um estudo de vacinação em massa

com este imunizante.

Em maio, o ministério chegou a enviar doses extras ao Maranhão após a identificação dos primeiros casos no Brasil. Pernambuco pediu no domingo um lote adicional por causa do registro de casos entre tripulantes filipinos de um navio.

O Rio de Janeiro é onde está a maioria dos casos relatados (84) da Delta, mas o estado parou de divulgar ontem o total absoluto de casos — só repassa proporção de positivos para a cepa. Na sequência, aparecem no balanço de casos do Paraná (13), Maranhão (seis), Santa Catarina (cinco), Rio Grande do Sul (três), Goiás e Pernambuco (dois) e Minas (um). Houve cinco mortes — quatro no Paraná e uma no Maranhão.

TEMPORADA DE FRIO

Cidades de 6 estados ficam abaixo de zero

» GABRIELA BERNARDES*
» PEDRO ÍCARO*

Em uma temporada de frio histórica, ao menos 80 cidades, em seis estados, tiveram temperaturas negativas na manhã de ontem, segundo o Sistema Nacional de Meteorologia (SNM), do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) — que alertou para a chegada de uma intensa massa de ar frio de origem polar e que ganhou ainda mais força. De acordo com o Inmet, na madrugada de ontem não houve neve ou chuva de granizo, mas no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, em Minas Gerais e no Mato Grosso do Sul houve registro de temperaturas negativas.

“A frente fria está associada a um ciclone extratropical sobre o

oceano, que foi bastante intenso. O ciclone tem ventos que giram em sentido horário. Na parte oeste do ciclone temos ventos vindos do sul e, como a intensidade do ciclone estava alta, esses ventos também foram fortes. Consequentemente, o ar do extremo sul da América do Sul chegou rapidamente aos estados”, explicou Marcelo Seluchi, meteorologista e pesquisador do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden).

No Sul do Brasil, as menores temperaturas foram registradas em Santa Catarina: -8,8°C em Urupema, seguida por Bom Jardim da Serra, com -7,4°C. A temperatura em Urupema superou o recorde de -7,5°C que Bom Jardim da Serra apresentou no final de junho, e foi a menor oficialmente registrada no Brasil neste

Marília Sutil/Prefeitura de Urupema



Urupema (SC) marcou -8,8°C, a menor temperatura deste ano no Brasil

ano — segundo a medição do Epagri/Ciram, órgãos de monitoramento climático oficial do governo catarinense.

Em São Paulo, a menor temperatura foi em Rancharia, no oeste do estado, com -2,8°C. Algumas cidades da grande São Paulo, como Barueri, registraram a menor temperatura em 10 anos.

Pradópolis, no norte, registrou recorde absoluto da Estação Meteorológica: -1,4°C, a menor em 15 anos de medições.

“Cada vez que uma massa de ar frio se desloca sobre um solo mais quente, por exemplo, perde força. Como essa massa se deslocou muito rápido, não houve tempo para aquecer mesmo em

contato com o oceano mais quente. Por isso, a temperatura caiu muito”, disse Seluchi.

Segundo o meteorologista, a frente fria deve se dissipar rapidamente e, até o final de julho, as temperaturas permanecem baixas, com novas incursões de massa de ar frio, no Sul e no Sudeste. A previsão está indicando mais uma frente fria para o próximo final de semana, mas ainda é cedo para definir como será — se mais intenso ou não”, observou.

Doenças de Inverno

As baixas temperaturas facilitam a transmissão de diversos tipos de doenças e prejudicam a imunidade. De acordo com a médica infectologista Lessandra Michelin, o frio faz com que as pessoas fiquem mais tempo em espaços fechados, o que facilita a transmissão de diversos tipos de vírus e bactérias.

“É só esfriar um pouquinho, que as pessoas fecham as janelas para se protegerem e, com o ambiente fechado, o ar não circula e nem se renova, favorecendo a proliferação e a propagação de quadros infecciosos. Como muitas dessas doenças têm transmissão respiratória, tal como a covid-19, é fundamental que a população, principalmente crianças e idosos, estejam imunizados”, alertou.

Para muitos, é só o tempo esfriar um pouco que a coriza, o nariz entupido e a tosse surgem. Se for gripe, os sintomas incluem ainda febre e calafrios, dor de garganta, dores musculares, de cabeça e fadiga. A doença afeta todas as faixas etárias, sendo facilmente transmitida por meio da tosse, do espirro e do contato próximo com uma pessoa ou superfície contaminada. No resfriado, os sintomas, apesar de parecidos e comumente confundidos com os da gripe, são mais brandos e duram menos tempo.

*Estagiários sob a supervisão de Fábio Grecchi